

# Banqueiros prometem dificultar créditos para o Brasil

RÉGIS NESTROVSKI  
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Um dia após o fim da visita do Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, a Washington, os banqueiros ainda esperam uma solução favorável para o problema criado com a liquidação dos bancos Comind, Auxiliar e Maisonnave. Mas já adiantaram que o Brasil vai ter dificuldades para obter nova prorrogação do acordo que lhe permite rolar as amortizações da dívida externa e mantém abertas as linhas de crédito comercial e interbancário, se o Governo não garantir os empréstimos confiados aos três bancos liquidados, através da Resolução 63, para repasse às empresas nacionais.

— Não houve garantia do Governo brasileiro mas havia um certo estímulo por parte das autoridades aos empréstimos de fora. Tanto assim que a área pública se favoreceu tanto ou mais que a iniciativa privada. O dinheiro ajudou a liquidez do sistema financeiro brasileiro, preservamos a liquidez. Assim tudo tem que ser visto dos dois ângulos. Isto, além da falta de um acordo do Brasil com o FMI complica muito a situação externa do País com vistas a uma nova prorrogação em 17 de janeiro — disse ao GLOBO um banqueiro credor.

O Wells Fargo Bank, que tinha ameaçado entrar na Justiça, acabou recuando, devido às pressões de grandes bancos americanos que não querem piorar a situação e acham que ainda pode haver

uma solução a partir do dia 2 de dezembro, quando serão anunciados os compradores das agências do Comind, Auxiliar e Maisonnave.

— Não nego nem confirmo o boato. Só que não vamos entrar na Justiça com processo hoje. Amanhã pode ser — afirmou, por telefone, Ewes Lockwood, Porta-Voz do Wells Fargo, 15º maior banco americano. A instituição liderou um pool de bancos da Califórnia no pacote brasileiro. Sua saída colocaria em perigo os créditos interbancários e comerciais, assim como a participação de outros bancos regionais americanos.

Os grandes bancos poderão ameaçar não renovar as linhas de crédito comercial e interbancário — pontos três e qua-

tro do acordo feito há dois anos com o Brasil. Indagado se o Governo dos Estados Unidos honraria os compromissos externos de um banco americano que falisse, um credor garantiu que sim:

— Sim, no caso do Continental Illinois, o Federal Reserve (Banco Central americano), assumiu tudo junto aos credores. Ninguém perdeu na liquidação deste banco.

Assim, os bancos credores esperam com interesse os resultados da reunião do próximo dia 9 de dezembro, quando o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, deverá discutir com os 14 bancos integrantes do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa a prorrogação do acordo, bem como os créditos concedidos através da Resolução 63.